

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

O PROCESSO DE INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM UMA CRIANÇA COM ATRASO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.

Denielle Novais Almeida¹

Michelly Oliveira Cruz²

Rebecca Oliveira Guimarães³

Eixo temático: Estudos da linguagem

Resumo: Este trabalho apresenta a experiência prática realizada no processo de intervenção fonoaudiológica com uma criança com atraso significativo no desenvolvimento da linguagem. Sob a perspectiva do interacionismo brasileiro e da pesquisa clínico-qualitativa é relatado todo processo terapêutico desenvolvido durante os atendimentos assim como as mudanças ocorridas e as dificuldades enfrentadas que colaboraram para a formação terapêutica dentro da clínica fonoaudiológica.

Palavras-chave: criança, linguagem, intervenção

Abstract: This paper presents the experience achieved in the process of language intervention with a child with significant delays in language development. From the Brazilian interactionism perspective and clinical-qualitative research is reported every therapeutic process developed during the sessions as well as the changes and difficulties that contributed to the therapeutic formation within the clinical intervention.

Keywords: child, language, intervention

¹Aluna da graduação em Fonoaudiologia - Iniciação Científica/PIBIX, Universidade Federal de Sergipe – UFS; Grupo de pesquisa: A construção da Linguagem, patologias e a prática clínica/ UFS. E-mail: denibrocchine@hotmail.com

²Aluna da graduação em Fonoaudiologia - Iniciação Científica/PIBIX, Universidade Federal de Sergipe – UFS; Grupo de pesquisa: A construção da Linguagem, patologias e a prática clínica/ UFS. E-mail: michellymimy@hotmail.com

³Aluna da graduação em Fonoaudiologia - Iniciação Científica/PIBIX, Universidade Federal de Sergipe – UFS; Grupo de pesquisa: A construção da Linguagem, patologias e a prática clínica/ UFS. E-mail: becca_guimarães@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho é baseado teoricamente sob a perspectiva Interacionista, que trabalha com o conceito de um sujeito ativo e produtor de sentidos, onde o pensamento é construído pelo ambiente histórico e pelas relações sócio-culturais.

A linguagem entra em cena como a função mental superior, principal mediadora das interações sociais. Vigotsky, (2009) afirma que “o homem é um agregado de relações sociais” e com isso fala da importância das considerações do desenvolvimento humano tanto no âmbito individual quanto associado à história e a cultura. É através da internalização das práticas sociais que o homem vai se constituindo como sujeito.

O desenvolvimento infantil está estreitamente relacionado à apropriação e participação ativa da criança na cultura, adquirindo dessa forma tudo aquilo que produz sentido, desde os primeiros gestos, a percepção, a expressão, os sentimentos até a forma de se relacionar com os outros. Como afirma Vigotsky, (2009) “Eu me relaciono comigo mesmo como as pessoas se relacionam comigo [...] Eu sou uma relação social comigo mesmo”

De Lemos (1998) afirma que a criança está submetida às leis e regras da língua, mas que, antes de poder analisar gramaticalmente a língua, estará funcionando nela a partir da dialogia que estabelece com o adulto, de modo especial a mãe.

Essa dialogia se inicia desde as interações não-verbais e abrem espaço para outras habilidades comunicativas como o olhar voltado para o adulto, a imitação das suas ações com os objetos, intenções comunicativas dentre outros, que são chamados por De Lemos de processos dialógicos que são a: especularidade, reciprocidade e complementaridade. Esses processos só são construídos através de uma experiência rica com o outro, a ausência desses comportamentos entre a criança e o outro são sinais de risco para seu desenvolvimento psíquico e lingüístico.

O desenvolvimento da criança com deficiência ocorre em tempos diferentes, que depende do seu funcionamento, porém, o fato da mãe se colocar constantemente num lugar de mediador

semiótico pode fazer com que ela não perceba as evoluções cognitivas e psíquicas do seu filho. As marcas físicas se tornam dominantes no processo.

O deficiente, apesar das marcas físicas, desenvolve sua subjetividade e seu potencial cognitivo, pois, entendemos ser a deficiência uma produção social. Essa condição não é inata, mas vai se incorporando à medida que o de desenvolvimento não é possibilitado de acordo com as peculiaridades da criança.

É importante também considerar o quanto esse meio é facilitado para a criança deficiente, seu contexto social é simplificado e adaptado à condição primária na qual o sujeito se apresenta. As causas biológicas da deficiência não atuam por si só, contudo de forma oblíqua o contexto social que a criança está inserida é que dita essa posição subjacente as suas reais possibilidades.

Portanto entendemos ser papel do fonoaudiólogo propiciar essa percepção na relação dialógica que ocorre entre a criança e o meio, atuando clinicamente na “descolagem” limitadora e deslocando o lugar da criança nessa relação que passa a ser o de um sujeito ativo inserido num mundo repleto de significações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A vertente teórica circunscrita nesse trabalho segue os princípios do interacionismo brasileiro que reconhece a linguagem como atividade constitutiva social, fundamental na produção do conhecimento e, portanto no desenvolvimento do homem.

A teoria interacionista defende que a interação verbal é o espaço indispensável para a produção da linguagem, é pela atividade dialógica entre a criança e o outro, que o conhecimento de mundo e a linguagem são constituídos na criança. Para Franchi (1992):

“Antes de ser para a comunicação, a linguagem é para elaboração; e antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento; e antes de ser veículo de sentimentos, idéias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências”.

Geraldi (1995) nos faz perceber que a língua não é um sistema estático, mas que o próprio processo de interlocução se modifica e se transforma na atividade da linguagem. Entendemos então, que não há um sujeito pronto que simplesmente se apropria de um código pronto e

inato, ao contrario, os sujeitos se constituem na interação com os outros e essa interação se dá dentro de um contexto socio-histórico-cultural.

Ao assumimos a concepção interacionista de linguagem na pratica clínica, significa que nos distanciamos e rejeitamos procedimentos avaliativos que buscam somente dados de diagnóstico. Significa então, distanciar-se de métodos terapêuticos prontos e previamente estipulados que pretendem reconstituir, indiscriminadamente, a linguagem do paciente (passivo) por meio da simples incorporação de um conjunto de normas e regras gramaticais. Se assumirmos tal postura na clinica, como entraremos no processo de intervenção para a construção da linguagem de sujeitos sem oralidade na perspectiva interacionista?

A linguagem será construída a partir da relação entre o sujeito e o terapeuta como afirma Geraldi, (1995) que na relação entre um eu e um tu que ocorrem ações lingüísticas. É nessa relação intersubjetiva que os locutores agem uns sobre os outros, na medida em que apresentam e representam uma certa construção da realidade, influenciando-se mutuamente em opiniões, preferências e desejos, construindo uma compreensão e interpretação do mundo.

Transpondo essa noção para a prática clínica os estudantes de fonoaudiologia ou os fonoaudiólogos não deve se colocar no lugar de observador afastado, de onde avalia e ensina métodos e formas normativas aos seus pacientes, que por sua vez reconhecem tudo passivamente. O fonoaudiólogo deve reconhecer o paciente como um sujeito ativo no processo de aquisição da linguagem, já que estes possuem uma historia de vida, experiências e um meio social que não deve ser desconsiderados. Assim é dever desse profissional reconhecer o sujeito na linguagem e pela linguagem, através da interação. Pois a consciência se constitui na interação verbal, através do signo lingüístico.

“Tudo que me diz respeito, a começar pelo meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior da boca dos outros(da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles.Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.[...] Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio(do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro”. (Bakthin, 1992, p.378)

Dessa forma a fala da criança não pode ser analisada nem construída fora do processo interlocutivo, nem distanciada da fala do outro.

Nesta perspectiva, a interação dialógica assume papel fundamental na clínica fonoaudiológica. Aqui a mediação é um instrumento intermediário no processo que haure significações num espaço intersubjetivo. Advinda das relações psíquicas intra e interdiscursivas, a imprevisibilidade reverbera da heterogeneidade e singularidade pertinentes ao processo.

O processo terapêutico pensado neste trabalho é firmado trazendo a linguagem evidenciada nos processos de transferência e contratransferência. A transferência seriam os sentimentos que o paciente direciona ao terapeuta, sentimentos que não se justifica pelas atitudes do terapeuta, mas pelas experiências anteriores do paciente com as pessoas que se relaciona. Já a contratransferência seriam as reações do terapeuta para o paciente, que apresentam razões inconscientes.

Vygotsky (1998), um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que ela é uma atividade natural de satisfação de instintos infantis. Ainda, o autor refere-se à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar. A criança por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes.

Ainda segundo o mesmo autor, o brincar envolve múltiplas aprendizagens e afirma que na brincadeira, “a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade” (2007, p.122).

Isso porque a brincadeira, na visão de Vygotsky, cria uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo que as ações da criança excedam o desenvolvimento já adquirido (desenvolvimento real), impulsionando-a a conquistar novas possibilidades de compreensão e de ação sobre o mundo, através da mediação.

Vygotsky ainda afirma que (2007, p.118):

“O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”.

Assim, pode-se concluir que a brincadeira auxilia o desenvolvimento da criança de forma tão intensa e marcante que a criança leva todo o conhecimento adquirido nesta fase para o resto de sua vida.

É na exploração do mundo, do meio ambiente, na manipulação dos objetos, nas trocas com seus pares etc. que a criança vai aprendendo, vai buscando fora si (inter) o conhecimento, para mais tarde poder internalizá-lo (intra). É nesta buscas, nesta movimentação que novos esquemas podem ser assimilados, generalizados.

3. METODOLOGIA

Este trabalho segue os princípios do modelo clínico-qualitativo e a estratégia metodológica utilizada foi o estudo de caso.

O modelo clínico qualitativo confere a pesquisa características descritivas e interpretativas. O pesquisador tem contato direto com o sujeito da pesquisa e analisa os dados de uma maneira singular, pois considera o processo social e o contexto envolvido, o pesquisador assume a função de interpretador da realidade.

A atuação também vai de encontro ao amparo das angústias e ansiedades, mostrando-se presente em situações complexas, que possuem questões pessoais envolvidas e um discurso externalizado pelas emoções. Faz parte dessa construção a interação face a face, a escuta e as considerações pelo outro. (Turato, 2003)

”A pesquisa qualitativa é multimetodológica quanto ao foco, envolvendo uma abordagem interpretativa e naturalística para seu assunto. Isto significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas no seu setting natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe trazem.” (Denzin e Lincoln, 1994, p.2)

Já o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que propõe uma análise mais aprofundada acerca do sujeito. Ventura (2007) ressalta que trata-se da escolha de um objeto de estudo

definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.

O presente estudo foi feito através das análises dos relatórios diários de nove sessões. As sessões foram realizadas a partir do dia 01 de fevereiro de 2012 na Clínica-escola do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe. O sujeito da pesquisa foi encaminhado pelo Hospital Universitário.

As sessões terapêuticas foram realizadas uma vez por semana, durante um semestre, que totalizariam quinze sessões, porém devido às faltas da criança, por motivos de saúde, foram totalizadas nove sessões. O sujeito da pesquisa tem quatro anos, possui diagnóstico médico de Síndrome de Down e diagnóstico fonoaudiológico de atraso no desenvolvimento da linguagem.

Os procedimentos realizados foram: entrevista individual, avaliação dos aspectos da linguagem e terapia fonoaudiológica.

A entrevista individual foi utilizada para dar início ao processo terapêutico, realizou-se uma entrevista com a mãe da criança, com objetivo de entender o contexto familiar inerente aquele sujeito.

O trabalho com a paciente foi iniciado através da avaliação da linguagem. O método adotado nesses atendimentos foi à intervenção direta, por isso criamos propostas de interação e trocas de experiências. Com as observações de cada atendimento, foram feitos relatórios, nos quais, registrou-se o que foi realizado, fazendo reflexões a partir desses registros num movimento de articulação entre a teoria e a prática.

Por acreditar que a experiência social, a relação interpessoal e a necessidade do uso de alguma forma de comunicação são essenciais para a construção de um sujeito autônomo, optou-se pelo trabalho com a linguagem oral. Vale ressaltar que a avaliação foi realizada conjuntamente com o processo terapêutico e juntamente com ela, construímos um lócus de significação terapêutica

Na terapia o objetivo das sessões com a criança foi construir um contexto que possibilitasse práticas discursivas orais através de atividades lúdicas e jogos simbólicos que reverberasse na

relação paciente-terapeuta. Foram utilizadas brincadeiras simbólicas, todas de forma contextualizada, de acordo com as experiências do paciente.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A criança sempre apresentou bastante autonomia nas sessões, expondo sua forma de funcionar através da brincadeira. Por vezes era autoritário, impondo seus gostos e suas vontades através da fala ou de ações. Nos primeiros dias de terapia, L.V solicitava a aluna estagiária para brincar, queria fazer tudo sozinho, não aceitava ajuda e não interagia totalmente com ela, a sessão tinha poucos turnos de interação. Porém a medida que foi se estabelecendo o vínculo entre o paciente e a terapeuta essas ações foram se modificando o linguístico foi se constituindo e o sujeito assumindo função interlocutiva e ativa no processo de subjetivação. Seu “repertório linguístico era reduzido, falava apenas “mama” (mãe), “aba” (abra) e “bua” (burra) e a brincadeira simbólica dava lugar para as brincadeiras motoras de jogar e bater os brinquedos, sem instituir função alguma.

As regularidades apareciam freqüentemente, sinalizando marcas de seu funcionamento psíquico que o linguístico não conseguia imprimir. Como por exemplo: toda a sessão que aparecia algo novo, que ele não dava conta de fazer, ignorava jogando o objeto, se o setting terapêutico estivesse com mais de três objetos a criança se dispersava rapidamente não permanecendo na brincadeira, outro movimento que ele apresentava era de se levantar do tapete e tentar abrir a porta, chamando a mãe. Isso aconteceu nas sessões em que L.V não queria brincar por ter algo diferente que não fazia parte de seu contexto social.

Em relação aos processos dialógicos L.V não realizava nenhum processo nas primeiras sessões, porém com a insistência na brincadeira simbólica a partir da terceira sessão L.V já entrava no discurso se apropriando dos processos, estabelecendo a relação paciente-terapeuta que reverberava no diálogo. Segundo De Lemos (1995) a especularidade é a incorporação de parte ou de todo o enunciado do interlocutor; a complementaridade acontece quando a criança incorpora o enunciado do adulto, combinando-o com algum outro vocabulário complementar; e a reciprocidade a criança assume no diálogo um papel antes desempenhado pelo adulto, instaurando o diálogo e o adulto como interlocutor. Podemos observar a seguir tais processos.

“Pedi a L.V que me desse comida , ele pegou a colher e tentou colocar na minha boca, depois falei que estava com sede, mas ele não sabia utilizar o copo, então eu mesmo peguei o copo coloquei próximo a boca como se estivesse tomando algo e fazia o barulho da sucção.

Foi assim que L.V num movimento especular pegou o copo da minha mão, depois de dizer “dá” e botou na boca fazendo o barulho de deglutir. Em seguida peguei as comidinhas e fui colocando nas panelinhas e mexendo com a colher, fazendo uma ação de cozinhar, o que fez com que L.V também realizasse o mesmo movimento especular ao meu”.(Recorte da terceira sessão 22/03/012)

Em outra sessão a qual brincavam de médico a criança fez o movimento de reciprocidade destaco a seguir.

“Comecei a chorar o que chamou a atenção dele, que se direcionou a mim e ficou rindo; falei para L. que estava doente, “dodói” onde ele me bateu, e por isso precisava tomar remédio e colocar curativo; L. pegou a injeção e me deu na boca, como se fosse remédio, tomei fazendo barulho de deglutição, depois ele botou o esparadrapo no meu braço, olhou para mim como se tivesse perguntando se já estava bem e sorriu”.

“Peguei o estetoscópio e fiz de conta que era o celular, atendi ao telefone, “falei alô, quem é? A mãe de L.V? Ele esta aqui brincando comigo de médico, você quer falar com ele?” e passei para L.V que pegou da minha mão, colocou no ouvido e disse, “alô, quem é? Mama?”. (Recorte da quarta sessão29/03/012)

No processo complementar L.V demonstra entrar no discurso, mantendo o assunto, apesar de um período curto, mas significativo. O movimento complementar é representado pela língua, tornando em um movimento mais complexo do que a especularidade, que toma o outro como principal fundamentador do discurso.

Segundo Vigotski (1979), o processo de subjetivação é quando a criança se torna sujeito através da linguagem que é adquirida quando a criança e seu meio interagem-se mutuamente em vários contextos. O sujeito adquire linguagem, primeiro através das relações sociais (plano intersubjetivo) depois, as crianças internalizam as experiências e são capazes de regular seu próprio comportamento (plano intra-subjetivo). No desenvolvimento assim concebido, a linguagem terá um papel fundamental, como mediadora das interações e da significação do mundo, ou ainda, a concepção de que o sujeito não significa o mundo para representá-lo pela linguagem, mas sim, que essa significação se dá também pela própria linguagem. Na sessão em que foi utilizada a brincadeira da cozinha L.V estava interagindo bastante, trocava turnos de ações com a estagiária e entrava na brincadeira simbólica sem dificuldade.

“Peguei uma panelinha e falei que iria fazer uma comida bem gostosa, perguntei o que ele gostava de comer, mas o mesmo não me respondeu, pois estava concentrado colocando, no faz de conta, algo da panela dentro do copo, com bastante segurança para não cair, um trabalho minucioso. Continuei mexendo a panela, depois provei a comida e fiz um gesto de que estava gostoso, perguntei se ele queria experimentar, assim L.V se aproximou e abriu a boca como se fosse comer. Em seguida fomos fazer o suco, mexi com a colher a jarra e depois coloquei o suco imaginário dentro dos dois copos. L.V pegou o copo e pôs na boca, depois me deu para beber, porque eu disse que estava com muita sede”. (Recorte da quarta sessão 29/03/012).

No transcorrer das sessões as funções linguísticas comunicativas foram tomando lugar no discurso e nas ações do paciente. Como o funcionamento da linguagem é visto pelos aspectos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos, os destacarei separadamente, para melhor entendimento e análise.

A semântica é o campo que se dedica ao significado e sentido das coisas. É separada pelas categorias: traços semânticos sobreextensão, função, forma, infra- extensões e palavras déficit.

Com a função L.V não apresentava dificuldades quando a brincadeira fazia parte do seu contexto social, por exemplo, na brincadeira com animais ele sabia a função de cada animal, já com a brincadeira do médico ele não conseguiu identificar e separar os objetos pela função.

“L.V pegou o copo e pôs na boca, depois me deu para beber, porque eu disse que estava com muita sede”. (Recorte da quarta sessão 29/03/012)

“Pegou o cavalo e fez o movimento de galope, depois pegou outro e ficou brincando com os dois bichos”. (Recorte da segunda sessão 08/03/012)

Quanto à forma ele também não apresentou dificuldades principalmente com os objetos da cozinha.

Cada objeto L. foi separando de acordo com a forma, ou seja, os pratos ele juntou de um lado, do outro os talheres, os copos, as comidas e as panelas. Depois pegou as comidas e colocou no copo, despejou dentro da panela e tampou com a tampa.(Recorte da sexta sessão 03/05/012)

Em relação ao traço de sobreextensão que é quando a criança generaliza os objetos, utilizando uma mesma palavra para expressar todas as outras. L.V usava a palavra “aba” abrir tanto para abrir a porta quanto para ligar o ventilador e apagar a luz da sala. Mostrando ter dificuldades quanto a esse aspecto semântico.

A pragmática de acordo com Hage et al, 2007, é o uso da linguagem para interagir com as pessoas e estabelecer as bases funcionais da comunicação. Deve ser analisadas através de dois aspectos: as funções comunicativas e habilidades conversacionais.

Destacarei as funções comunicativas: instrumental, regulatória e interativa, presente na fala de L.V.

A função instrumental: quando a criança usa a linguagem para satisfazer suas necessidades materiais. No caso de L.V o vocabulário é amplo, utilizando de muitas palavras para controlar suas vontades como, por exemplo: “aba” (abrir) (fechar) (desligar); boti (colocar);

“Coloquei uns vídeos da galinha pintadinha no computador, o que fez com que L.V ficasse quieto, pois assistir vídeo é algo muito mais fácil que simbolizar, é uma brincadeira que não precisa de esforço e imaginação, por isso é mais fácil das crianças darem conta de fazer. O vídeo do pintinho amarelinho foi repetido centenas de vezes, pois quando acabava ele olhava pra mim abria os braços como se dissesse acabou e depois falava “boti”.Ao sair da sala no final da sessão, ele pediu para eu desligar o ventilador e falou “aba opo”, querendo ligar e desligar toda hora”. (Recorte da sétima sessão 17/05/012)

“O chamei para dar banho no bebê, assim L. pegou a boneca e queria mergulhar de roupa e tudo, mas eu disse que tínhamos que tirar a roupa, ele até tentou tirar mais não conseguiu, olhou para mim, mostrou a boneca e disse “tome vá, aba” vá bua”” (tome vá, abra burra). (Recorte da sexta sessão 03/05/012)

Já a função regulatória, quando a criança usa a linguagem para controlar o comportamento do outro apareceu a partir da quinta sessão.

“Levantou pegou meu sapato e mandou eu calçar, “vá, vá, vamos pá lá” e apontava para a porta em direção a recepção onde estava sua mãe .(Recorte da quinta sessão 26/04/012)

“Chamei a mãe dele para conversar um pouco,quando ela entrou na sala, o filho falou “sente” para ela sentar e mostrou a sala. Ele ficou tentando chamar nossa atenção, pegou o tapete e colocou do nosso lado, me pedindo para sair do meu lugar para ele encostar o

tapete, e falou “saia muié” (saia mulher), fiquei rindo e me afastei”. (Recorte da sétima sessão 17/05/012)

A função interacional, quando a criança usa a linguagem para interagir com as pessoas. Com L.V essa função não aparece tanto no discurso, mas, nas ações comportamentais. Então podemos dizer que quando ele entra na sala senta no tapete e olha para a estagiária, como se estivesse chamando-a para brincar, é própria interação acontecendo.

“Pegou o livro deu na minha mão e pediu para eu abrir “aba” depois sentou no meu colo para ver o livro dos animais, ficou atento, observava, tocava e esperava que eu os imitassem, levantando o rosto e olhando para mim”. (Recorte da oitava sessão 24/05/2012)

A última função que apareceu uma única na sessão com L.V foi a Heurística, que segundo Hage et al, 2007 é quando a criança usa a linguagem como instrumento para explorar o ambiente na busca da identificação do nome dos objetos e ações.

“Peguei inicialmente a espátula para trabalhar tônus, coloquei na boca de L.V que não aceitou o objeto e virava o rosto toda vez que eu tentava colocá-lo. Ao ver a espátula ele perguntou “que isso”? aí eu disse que era um brinquedo, mas mesmo assim ele não deixou”. (Recorte da quarta sessão 29/03/012)

Dentro do campo morfossintático que é a análise morfológica e sintática realizada simultaneamente. Mas a análise morfológica diz respeito às dez classes gramaticais; e a análise sintática faz referência às funções desempenhadas por uma dada palavra, estando ela inserida num contexto oracional. Na linguagem oral podemos analisar a morfossintaxe pelas dêixis de tempo, lugar e pessoa.

Analisando o discurso de L.V podemos encontrar Dêixis de lugar quando utiliza a palavra “pá lá” quer sinalizar a recepção onde sua mãe está ou quando está na recepção e quer ir para o setting terapêutico. Já a Dêixis de pessoa, aparece quando L.V chama a mãe “mama” ou me solicita em algo “muié” mulher. Por fim a criança tem em seu discurso as classes gramaticais: verbos (“aba” abrir, “vamo” vamos, “boti” botar) e substantivos (“opo” ventilador, “ama” mãe, “muié” mulher) adjetivos (“bua” burra).

Destacamos que a cada sessão L.V vai construindo seu lugar na relação paciente-terapeuta, assumindo por diversas vezes um lugar ativo na relação o que reverbera em seu lingüístico. A cada dia foi construindo e aumentando seu vocabulário lingüístico, suas brincadeiras motoras

deram lugar as condutas simbólicas e assim assumia seu papel interlocutivo por mais tempo através da fala. À medida que a interação era construída L.V trocava turnos de fala tanto com a estagiária no setting terapêutico, quanto em outros espaços sociais, sua autonomia já não o atrapalhava como antes, pois começou a solicitar as pessoas para ajudá-lo. A brincadeira passou a ser compartilhada, os objetos ganharam função tanto linguística quanto simbólica, com isso a linguagem de L.V foi sendo construída.

5. CONCLUSÃO

O trabalho apresentado emerge em um contexto que a dificuldade é marcante e adentra num espaço de sentidos e interpretações. O fluxo deste trabalho continua e o enredo é traçado pelos caminhos e significações que a crianças traz em cada encontro. A interlocutora constrói este espaço a favor do sujeito dando visibilidade ao processo de criação, imaginação e desenvolvimento da linguagem.

As dificuldades foram características inerentes ao processo, e os avanços aconteciam na medida em que se aproximavam de um espaço de sentidos e interpretações, e na medida em que se distanciavam de práticas estáticas e mecânicas que pouco contribuem ao sentido amplo permitido à construção do conhecimento.

Sendo assim, inúmeros desafios permearam a construção da relação interacional: a tentativa de manter uma horizontalidade de papéis, de posições; de achar meios de fazer com que o sujeito da pesquisa não apenas visse a pesquisadora, mas se olhassem e, desta forma, pudessem juntos construir a linguagem, que não se restringe a palavras, mas a todas as formas de comunicar-se.

Com isso, a pesquisadora não “ficou na superfície das evidências” e tentou significar as ações desta criança; considerando que havia a necessidade de continuar se colocando na escuta dos elementos que contribuem para o processo interacional.

Portanto, concluímos em nosso trabalho que o brincar apresenta-se como um dos principais modos de interação social. Trata-se do tipo de interação mais lúdica, encontrado nas relações entre os sujeitos, em especial, entre as crianças, variando sua apresentação e representação de acordo com os aspectos culturais, familiares, sociais, cronológicos de cada sujeito. Ao mesmo tempo, proporciona a aprendizagem de diversos conteúdos, além de favorecer a socialização fundamental ao suprimento da necessidade de interação do indivíduo. Enfatizamos, desse modo, que o brincar como forma de interação possui relevante influência no desenvolvimento

e aprendizagem do sujeito, segundo Vygotsky (2001) eles estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida do indivíduo, e permite a construção dos aspectos, linguísticos e psíquicos, primordiais para a criança se constituir como sujeito.

6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. **Sobre a aquisição da escrita: algumas questões**. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas. Mercado de letras, 1998.

DENZIN, N.K. LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, Sage, 1994.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 22, 1992

GERALDI, J. W. **Portos de Passagens**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

TURATO, E. R. – **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2003, 685p.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. SP, Icone, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.